



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SEXUALIDADE DE MULHERES  
LÉSBICAS E BISSEXUAIS**

**Barbara Doti Dias Ripper**

Rio de Janeiro  
2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SEXUALIDADE DE MULHERES**  
**LÉSBICAS E BISSEXUAIS**

Barbara Doti Dias Ripper

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em nome do seu curso.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Chalini Torquato

Rio de Janeiro  
2019

RIPPER, Barbara.

A influência da pornografia na sexualidade de mulheres lésbicas e bissexuais/ Barbara Doti Dias Ripper – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2019.

29f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2019.

Orientação: Chalini Torquato Gonçalves de Barros

**A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA SEXUALIDADE DE MULHERES  
LÉSBICAS E BISSEXUAIS**

Barbara Doti Dias Ripper

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

---

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Chalini Torquato Gonçalves de Barros  
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo PósCom/UFBA

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Adriana Pinto Fernandes de Azevedo  
Doutora em Literatura, cultura e contemporaneidade (PUC/RJ)

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Danieli Christovão Balbi  
Doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras/UFRJ

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro  
2019

RIPPER, Barbara. A influência da pornografia na sexualidade de mulheres lésbicas e bissexuais. Orientador: Chalini Torquato. Rio de Janeiro, 2019. Monografia Em Radialismo – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 29f.

## RESUMO

Esse projeto consiste em um relatório de pré-produção, produção e pós-produção do episódio piloto do podcast *Senta que nem mocinha*. O episódio busca discutir, a partir de uma análise de conteúdo lésbico da indústria pornográfica tradicional, o desenvolvimento da sexualidade de mulheres lésbicas e bissexuais como espectadoras. Foi produzida, também, uma pesquisa anônima direcionada a mulheres lésbicas e bissexuais para a análise de dados em relação aos seus costumes e preferências quando se trata de pornografia, assim poderia ocorrer uma comparação com o conteúdo teórico abordado.

**Palavras-chave:** pornografia, lgbt, lésbica, sexualidade.

## ABSTRACT

This project consists of a pre-production, production, and post-production report on the pilot episode of a podcast called *Senta Que Nem Mocinha*. The episode discusses the development of lesbian and bisexual sexualities based on an analysis covering lesbian content offered by mainstream pornography. It also covers an anonymous research project aimed at lesbian and bisexual women to analyze their pornography habits and preferences, so that a comparison with the theoretic content from the aforementioned analysis could be made.

**Keywords:** pornography, lgbt, lesbian, sexuality.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. A SEXUALIDADE E A PORNOGRAFIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	16
3.1.1 PARTICIPANTES.....	16
3.1.2 PESQUISA.....	18
3.1.3 ROTEIRO.....	21
3.1.4 LOCAL.....	23
3.1.5 EQUIPAMENTO.....	23
3.2 PRODUÇÃO.....	24
3.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	25
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O erótico move pessoas, seja qual for a direção. Segundo Audre Lorde (1978), o erótico é um poder intrínseco a mulheres extremamente enraizado no poder que ainda não conhecem, ou que ainda não sabem expressar. Seja como expressão de subjetividade ou como contribuição material, o acesso a esse erotismo, muitas vezes um poder enraizado ainda não conhecido, se dá por meios privados.

Segundo a Enciclopédia Britânica, "pornografia é uma representação do comportamento erótico em livros, imagens, filmes, etc., com a intenção de causar excitação sexual"<sup>1</sup>. Com o advento das redes sociais e da popularização da internet sem fio, houve uma facilitação do acesso à pornografia por pessoas de contextos socioculturais muito diversos (CICLITIRA, 2004), entre eles diferentes gêneros e diferentes sexualidades.

Anualmente, o site de conteúdo pornográfico *Pornhub* libera ao público uma pesquisa feita ao longo do ano de dados coletados dentro do próprio site<sup>2</sup>. Há informações como a quantidade de visitas ao site, quantidade de pesquisas, nomes mais procurados, categorias mais procuradas, personagens mais procuradas, e outros temas gerais. Ao mesmo tempo, há um levantamento sobre os 20 países que mais acessam o site naquele ano. Em 2018, o Brasil ficou em 12º lugar e seus resultados específicos inspiraram esse estudo.

Ao observar a tabela do Brasil, a categoria mais acessada do site é "Lesbian" (lésbicas). "Transgênero" ficou em 4º lugar dentre as 5 categorias mais acessada, dado que também se destacou. O Brasil procura "Transgênero" 57% mais frequentemente do

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/pornography>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

que o resto do mundo. Além disso, "Lesbian" e "Lésbicas brasileiras" são dois dos assuntos mais pesquisados pelo público brasileiro no site.

Segundo a ONG Transgender Europe, em 2018, o Brasil foi o país que mais assassinou pessoas trans no mundo, ultrapassando mais que o dobro de quantidade de pessoas em comparação ao segundo colocado<sup>3</sup>. Segundo o Grupo Gay da Bahia, 420 pessoas LGBT foram mortas em 2018 sendo vítimas de crime de ódio<sup>4</sup>. Como mulher LGBT e pessoa fascinada por pornografia, levantei um questionamento sobre os dados liberados pelo Pornhub, curiosa para saber se quem consome pessoas LGBT em pornografia são de fato pessoas LGBT, ou não.

Pensando nisso, e com o intuito de oferecer um primeiro recorte sobre essa temática, esse estudo visa levantar dados sobre o consumo pornográfico de mulheres cis lésbicas e bissexuais, promover uma análise da influência desse consumo em suas vidas e atividades sexuais e discutir outras alternativas que também visem suas necessidades eróticas sem necessariamente envolver uma segunda pessoa.

Para essa discussão, será produzido um trabalho prático paralelamente a esta análise, o que acrescentará um relatório de produção a esse estudo. Abrir o debate entre mulheres sobre sexualidade surgiu com a ideia de um formato de análise de dados que conversa com a tecnologia e o público jovem atual. Seguindo o modelo de podcast ideal proposto por Léo Lopes (2015), produtor de *podcasts* e vice-presidente da Associação Brasileira de Podcasts (ABPOD), será produzido um episódio piloto de podcast, o projeto *Senta que nem mocinha*,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2018/>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.



permitindo uma reunião presencial de algumas mulheres para a discussão de dados levantados através de uma pesquisa anônima.

Para se entender melhor o debate levantado, será analisado o viés social da pornografia, o papel da mulher dentro de seu consumo, a objetificação de corpos e a sociedade patriarcal atrelada ao que pode ser considerado um tabu. Será utilizada a definição de erótico segundo Audre Lorde, como já foi mencionado, costurando conceitos levantados por outras mulheres sobre o assunto.

Não será discutido, porém, o aspecto industrial da pornografia, suas implicações na carreira de atrizes ou o julgamento de valor, se é ético ou não. Há uma onda de mulheres feministas que questiona a pornografia como produção audiovisual por conta da indústria que a cerca, com dados alarmantes e prejudiciais a saúde das mulheres que produzem (SMITH & ATTWOOD, 2014), assim como há outra onda de mulheres que acredita que a pornografia não deve ser censurada, apenas refeita por um viés mais feminista<sup>5</sup>.

Não entrarei nos aspectos mercadológicos da pornografia. Ao invés disso, concentro-me na dimensão subjetiva da mesma, nos efeitos que ela possui em suas espectadoras e nas maneiras como elas se conectam com o conteúdo que assistem. Isso não apaga sua válida discussão sobre a indústria em si, ela só não será feita aqui.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.huckmag.com/perspectives/opinion-perspectives/erika-lust-op-ed/>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

## 2. A SEXUALIDADE E A PORNOGRAFIA

Segundo a Enciclopédia Britânica, tabu é a proibição de uma ação baseada na crença de que esse comportamento é muito perigoso para indivíduos comuns<sup>6</sup>. Dentro de uma lógica moralista, é entender que qualquer comportamento que fuja às normas classificadas como "padrão" pela sociedade não é digno de ser discutido nem em espaço público nem em espaço privado.

Traçar uma data de início para a difusão da pornografia da sociedade é um dado difícil (MORAES & LAPEIZ, 1985), mas a pornografia como indústria ganhou forças durante os anos 60, onde, através do movimento hippie, foram levantadas discussões sobre o uso de pílulas anticoncepcional, direito ao prazer e libertação da sexualidade da mulher. As antigas revistas pornográficas evoluíram com a internet, tomando formas de filmes, desenhos, jogos, contos e áudios.

Acompanhando a espetacularização e o fetichismo da mercadoria (DEBORD, 1967), a pornografia passa a ser consumida de uma nova maneira e é transformada em uma nova e extensa fonte de prazer, expressiva o suficiente para causar grandes impactos na sociedade em que se insere. Atualmente, classificar a pornografia como um tabu na nossa sociedade é resumi-la ao entendimento moralista de vulgaridade, é admitir que há um intervalo hipócrita entre reconhecer o erotismo vulgar em seu conteúdo e renegar o erotismo vivido e desejado pelo ser humano.

A transgressão de fronteiras identitárias, a exposição de tabus da sexualidade e do corpo, a irremediável marginalidade em termos culturais, são alguns dos atributos hegemonicamente associados à

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/taboo-sociology>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

pornografia, os quais parecem estimular a sua condenação no mundo contemporâneo. São também os mesmos atributos que fazem dela um rótulo para tudo o que é situado no extremo oposto daquilo que é moralmente aceitável. (PINTO et al., 2010)

Ao passo em que o homem entende pornografia como conteúdo audiovisual produzido por ele e para ele, a mulher não faz o mesmo movimento. Por eles, há uma quebra interna do conceito de tabu, onde o homem, por mais que ainda encare o conteúdo pornográfico como proibido, se enxerga na sexualidade e no erotismo produzido. A mulher, não. Para a mulher, o conteúdo pornográfico é um reflexo do que se é esperado por ela na sociedade, principalmente em produções heterossexuais e heteronormativas. Para o homem, a pornografia é um retrato do que ele já sente: "de forma geral, a pornografia reafirma estereótipos da 'urgência biológica insaciável' do homem" (DONNERSTEIN et al., 1987).

A experiência da mulher com a pornografia passa por um lugar de violência, tanto dentro da indústria, como não discutirei aqui, quanto como espectadora, meu principal ponto de discussão. Entender pornografia como violência é reconhecer sua capacidade opressora, é colocá-la no lugar de uma produção machista que objetifica, diminui e invade corpos de mulheres, tanto durante sua produção quanto subjetivamente. A pornografia se torna uma ferramenta de diminuição tanto da subjetividade da mulher, quanto da sua sexualidade, que dentro de um filme pornô vive as vontades dos homens, com posições impossíveis, caretas não-naturais e quadros profissionais que pouco revelam sobre sua vontade e prazer (WOLF, 1992).

Dentro do pornô, a mulher assume, por muitas vezes a condição de serviçal que lhe era imposta em tempos passados, um passado nem tão empoeirado assim, no qual ela teria que estar à mercê do seu marido; não apenas nas questões domésticas, como também nas sexuais, levando-as a serem usufruídas, como que "consumidas" e, por vezes, objetificadas. [...] Não só isso, mas o pornô é patriarcal e machista e em parte porque isso reflete as relações de poder que a sociedade institui. Tal sociedade, dominada pelo que é permitido,

legitimado e aceito pelo feminino, é o que também distancia a mulher da pornografia. (CARVALHO & LEDA, 2016)

Partindo de tal princípio, pensar a pornografia lésbica feita por grandes estúdios é pensar na perpetuação de um estereótipo e de uma visão masculina sobre aquela sexualidade. Há um intervalo entre a subjetividade da mulher lésbica espectadora e a mulher lésbica representada nas câmeras, que vive como a meretriz do olhar do homem sobre ela, por mais que ele não esteja envolvido na cena. Isso causa um deslocamento e um afastamento da mulher lésbica ou bissexual com o conteúdo proposto, porque enxergar-se em cena torna-se improvável.

Retirar a possibilidade de um reconhecimento de subjetividade da mulher ao assistir pornografia significa apagar seu erótico, como se ele não existisse e nem nunca tivesse existido. Desde o advento da internet, onde o acesso à pornografia se tornou mais facilitado, há uma geração de mulheres que procura a pornografia com o desejo de se ver nela, mas essa identificação não é possível por conta dessa supressão.

Para se reproduzir, toda opressão precisa corromper ou distorcer qualquer fonte de poder presente na cultura do oprimido e que possa servir como propulsora de uma mudança. Para as mulheres, isso normalmente significa uma supressão do erótico enquanto fonte possível de poder e informação em nossas vidas. (LORDE, 1978, tradução minha)

Quando se exclui a subjetividade e a possibilidade de exploração do erótico pela mulher, com a adição do quão pouco discutido e ensinado esse assunto já é, ocorre uma desinformação sobre a sexualidade feminina. A mulher perde a chance de exploração e inflação dos seus próprios gostos e possibilidades dentro do seu próprio erótico, se resumindo ao que a pornografia masculina lhe ensina.

Tudo isso estabelece uma desconexão entre sexualidade vivida, sexualidade desejada e satisfação para as mulheres (LEITE, 2011), ou seja, o desejo e a curiosidade pela exploração permanecem intrínsecos e reprimidos na mulher, mas a sexualidade vivida vai de encontro com a visão masculina sobre a pornografia e o erotismo de homens que sempre se enxergaram em produções pornográficas. Assim, a satisfação da mulher se torna falha, resumindo-a aos desejos e conhecimentos do homem sobre o assunto.

Toda essa exclusão da sexualidade feminina dentro dessas produções é um reflexo da exclusão da sexualidade feminina dentro da sociedade que defende e enaltece a sexualidade do homem, dando-lhe liberdade para não só trabalha-la como explora-la. Essa “vantagem” masculina, que é dada através da sociedade patriarcal na qual vivemos, é um caminho de mão dupla, pois eles estão condicionados a constatemente reforçarem seu papel masculino. (CARVALHO & LEDA, 2016)

Contudo, ao passo em que a pornografia entre mulheres é um retrato da visão masculina sobre elas, ela acaba por se tornar também uma das únicas possibilidades de exploração da sexualidade feminina. Por ser uma fonte privada e resguardada de qualquer julgamento externo, a experiência da pornografia entre mulheres se transforma em uma porta de entrada para uma nova identidade, por mais que superficialmente. "Ainda que certamente promova o reforço das ideologias dominantes de gênero e da sexualidade, não deixa de progressivamente abrir caminho a novas possibilidades de representação identitária."

(PINTO et al., 2010).

Inevitavelmente, há uma experiência dessas mulheres com a pornografia e uma análise de suas subjetividades com o que assistem. Muitas vezes, não há a identificação com o eu retratado, mas pode acontecer de o ato e o envolvimento físico serem suficientes para causar uma reação na espectadora, desencadeando um questionamento sobre si mesma. O

desejo pelo descobrimento dessa nova identidade pode, muitas vezes, superar o deslocamento de subjetividade, com a mulher focando exclusivamente no ato carnal ali reproduzido.

Ao mesmo tempo, há mulheres que já entendem que o conteúdo produzido por homens não foi feito para elas, e por isso sempre procuram alternativas ao que veem. A exploração de suas sexualidades permanece ao passo em que há uma busca externa por conteúdos alternativos, que se aproximem mais de suas subjetividades, de seus gostos e de suas sexualidades desejadas, como a pornografia amadora. Enxergar a pornografia amadora como alternativa é se identificar com, muitas vezes, a simplicidade do afeto, ou com os corpos ali exibidos. É observar pessoas que não foram moldadas exclusivamente ao prazer masculino explorando uma a outra, independente do gênero ali presente.

O erótico não pode ser sentido através de outra pessoa. Enquanto uma feminista negra lésbica, eu tenho um sentimento, um conhecimento e um entendimento singulares a respeito das irmãs com quem eu me diverti, brinquei ou mesmo briguei. Essa interação profunda muitas vezes se torna a precursora de ações conjuntas que antes não seriam possíveis. [...] Mas essa carga erótica não é facilmente compartilhada pelas mulheres que continuam operando exclusivamente sob uma tradição europeia-estadunidense masculina. (LORDE, 1978, tradução minha)

A produção de subjetividade erótica por mulheres não se resume à pornografia amadora. Atualmente, há um movimento novo de pornografia feminista<sup>7</sup>, tanto de maneira mainstream, como Erika Lust promove, quanto de maneira alternativa, através de festivais e do movimento pós-pornô. Há também uma onda de mulheres migrando para a audio-pornografia<sup>8</sup>, onde o estímulo se dá por áudio através de histórias contadas por atores e atrizes que não são tão expostos quanto na pornografia tradicional.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://erikalust.com/feminist-porn-interview-with-ovidie/>. Acesso em: 30 de outubro de 2019.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/estrellajaramillo/2019/08/14/audio-erotica-multi-million-dollar-opportunity-women-disrupting/#3f1bfecb6f48>. Acesso em: 30 de outubro de 2019.

Existem ainda outras formas de produção pornográfica, como contos eróticos e livros românticos, mas o que se compreende de todas essas possibilidades é a inevitabilidade da mulher explorar sua sexualidade. Independente do olhar masculino sobre o ato, independente do meio de comunicação utilizado, a mulher chega à pornografia com sua curiosidade e procura se enxergar nela como pode.

### **3. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO**

O primeiro elemento do projeto é o nome. *Senta que nem mocinha* é um jogo com palavras que brinca com uma frase machista muito comumente ouvida por jovens meninas sobre a maneira de se sentar, principalmente quando estão usando saias ou vestidos. O trocadilho está na palavra *senta*, que no caso do nome do projeto brinca com o significado que ritmos populares como o funk atribuíram a ela, indicando um tom um pouco mais sexual do que o original. Assim, *Senta que nem mocinha* surgiu como um podcast para as mulheres que ouviram essa mesma frase quando jovens, mas que não viam mais sentido em se comportar dessa maneira quando adultas.

O formato do projeto também foi decidido logo de início. Levando em consideração a sociedade patriarcal que a sexualidade de mulheres lésbicas e bissexuais se insere, há um tabu envolvendo as ações e as falas que essas mulheres têm sobre suas próprias vidas sexuais. Tornar o projeto um podcast significa abrir essa conversa de maneira natural e controlada, adicionando especialistas, experiências pessoais, histórias cômicas, curiosidades e discussões interessantes em um formato fechado. Foi escolhida a duração de uma hora para o piloto apresentado, o tempo médio de um episódio de podcast comum, porém menor do que 90

minutos, considerado pela pesquisa da PodPesquisa 2014 feita pela ABPOD, como duração de preferência de 47,55% de seus 16.197 entrevistados.

Assim, em meados de Agosto de 2019, o processo para o planejamento do projeto teve início, com decisões de roteiro, quem iria participar das gravações, de que maneira seria executado, onde seria gravado e que rumo o projeto tomaria após a conclusão do trabalho.

### **3.1. PRÉ-PRODUÇÃO**

Para a execução do projeto, foi necessário conseguir alguns elementos, os mais importantes sendo as participantes, o roteiro, um local para gravação e equipamento. Para cada um desses elementos, contei com a ajuda de pessoas externas ao projeto, que foram convidadas a agregar ao mesmo.

#### **3.1.1. PARTICIPANTES**

Antes de tudo, o mais importante era decidir quem participaria no dia da gravação e comporia a mesa de debate. Por se tratar de uma conversa informal, mas que ainda abrangeia temáticas sérias e delicadas, ficou decidido de início que uma especialista participaria. Por orientação de Chalini Torquato, fui apresentada a Fernanda Pavaltchuk, uma psicóloga e pesquisadora sobre minorias, em especial pessoas LGBT. Ela comporia o lado mais científico da mesa, que seria de extrema importância na hora em que a discussão tocasse assuntos mais subjetivos às pessoas na bancada.

Além da psicóloga, ficou decidido também que seriam necessários mais dois elementos na discussão: pelo menos um ponto de diversidade e uma atriz pornô. Em relação ao ponto de diversidade, criou-se um paralelo ao escolher Vitória Régia para a mesa. Vitória é



uma editora e repórter negra, bissexual, que também trabalhou como atriz no filme curta-metragem *MC Jess* (2018), sobre uma poeta lésbica que se divide entre a poesia e o trabalho no comércio informal nos trens do Rio de Janeiro - Vitória interpreta a namorada da protagonista. A introdução do filme acontece com uma cena de sexo entre as duas personagens. A comparação da produção de uma cena de sexo em um filme de ficção não-pornográfico à produção de um filme pornô seria possível ao acrescentar também uma atriz pornô à mesa.

Contudo, tal elemento se demonstrou complicado de ser conseguido, ao ponto de não existir na concepção do roteiro. Diversas atrizes foram contactadas, entre elas Emme White, Dreadhot, Clara Aguilar e Mia Linz, sendo a última a única que retornou dizendo que morava em São Paulo e estaria viajando na época. Com o empecilho de não conseguir uma atriz pornô, foi então decidido substituir tal elemento da discussão por um contato mais acessível. Maria Clara Stanzione é uma empresária carioca e bissexual que comanda uma *sex shop* de vendas online - o elemento sexual ainda estaria em discussão, apesar de não existir mais a ponte entre a atriz pornô e a atriz tradicional.

Por último, vi também necessário incluir um ponto de vista mais subjetivo de uma pessoa que tivesse experiência profissional com outras mulheres lésbicas e bissexuais, além de ela mesma ser lésbica. Natália Pasetti é a diretora de uma ONG LGBTQ+ no Rio de Janeiro chamada Casinha, que cuida de acolher pessoas em situações de risco e de encaminhá-las para o tratamento e a solução necessária, como cursos de pré-vestibular, tratamento de vícios em drogas ou consultas em psicólogos populares.

Finalizando com Natália, a mesa se encontrava completa com as quatro convidadas e eu como mediadora da conversa e roteirista do debate. Para o desenvolvimento do roteiro, necessitava de dados sobre mulheres lésbicas e bissexuais, por isso escolhi por desenvolver uma pesquisa sobre a relação entre elas e a pornografia.

### **3.1.2. PESQUISA**

Ao iniciar o processo de desenvolvimento do roteiro, notei a necessidade de levantar dados para guiar a discussão. Até então, tudo que seria discutido vinha de um lugar subjetivo, não de um dado científico, por isso, a partir da pesquisa teórica feita para este relatório, montei um questionário a ser respondido por mulheres lésbicas e bissexuais.

O questionário foi completamente anônimo, concentrado em coletar dados para guiar o roteiro do episódio e a discussão. Não são dados absolutos, pois não há como comprovar a veracidade da identidade das pessoas que responderam a pesquisa, mas números aproximados já eram suficientes para que o roteiro fosse estruturado. De início, o questionário apresenta perguntas básicas, como idade, sexualidade e se a pornografia faz parte da rotina do objeto.

- Qual é a sua idade? (18-24, 25-35, 36-45, 46-55, 56+)
- Como você se identifica? ("lésbica, bissexual, alguma coisa que envolva mulheres também, independente do título)
- Você assiste pornô? (sim, não)

Em seguida, o questionário se divide em duas partes: caso o objeto tenha respondido que não assiste pornografia, ele responderia a página 2, mas caso tenha respondido que sim, passaria pela 2 e iria direto para a 3. Se dissesse que não, foi perguntado o porquê e se existe algum outro meio de comunicação que possa vir a substituir a pornografia nessa rotina.

Se não:

- Se não, por quê?
- Existe algum outro meio de comunicação que você usa para esse alívio sexual que não envolva uma segunda pessoa? (audiopornô, ler contos eróticos, escrever contos eróticos, outros)

Caso o objeto tenha respondido que sim, ocorreria uma análise da inclusão da pornografia em sua rotina. Era importante saber também no que consistiria esse hábito, se as temáticas assistidas teriam relação com sua vida sexual e sua opinião sobre as temáticas que envolvem mulheres lésbicas e bissexuais.

Se sim:

- Se você assiste, é com que frequência? (todo dia, algumas vezes na semana, uma vez na semana, de vez em quando, raramente)
- Você assiste só assiste pornô para fins sexuais ou existe algum outro motivo? (fins sexuais, outros)
- Que categoria de pornô você mais assiste? (lésbico genérico, gay (entre homens), hétero genérico, amador, BDSM, pessoas solo, outros)
- Você assiste categorias de pornôs que você não reproduziria na vida real? (alguns não faria, faria de tudo, depende)
- Se puder, justifique sua resposta e/ou dê a categoria de pornô que você faria ou não
- Você tem algum/a atriz/ator pornô favorito? Ou algum canal amador?
- O que você acha de pornô classificado como "Lésbicas"?
- O que você acha de pornô amador?

Foram obtidas 429 respostas à pesquisa, que foi espalhada em grupos do Facebook específicos para público de mulheres lésbicas e bissexuais e no Twitter, com ajuda de compartilhamentos de amigos. O relatório completo<sup>9</sup> das respostas foi coletado, mas para o propósito de montar o roteiro do piloto, compilei respostas e números que comporiam e complementaríamos as perguntas feitas às mulheres na mesa de discussão. Esses dados não foram divulgados a elas, ao contrário do roteiro, assim as respostas das convidadas não seriam influenciadas.

- 63.3% das respostas afirmam assistir pornô com certa frequência.
- De 279 mulheres, 48.7% afirmam assistir de vez em quando, 22.2% raramente, 21.1% algumas vezes na semana, 7.5% uma vez na semana e 0.4% todo dia.
- De 279 mulheres, 34.8% afirmam que sua categoria de preferência é "Lésbicas", 25.8% "Amador", 19.7% "Hétero", 15.8% "Gay" (entre homens), 10.4% "Pessoas solo", 8.2% BDSM, 9.1% "Outros".
- De 277 mulheres, 41.5% afirmam que não reproduziriam na vida real algumas categorias de pornô que assistem, 44.8% afirmaram que depende da categoria e 13.7% afirmam que reproduziriam todas.
- Dentre as categorias que não seriam reproduzidas, as respostas variaram entre fetiches agressivos ou escatológicos, *fisting*, simulação de estupro, incesto, dominação/submissão, sexo com homens, *swing*/sexo grupal, sexo anal, entre outros.
- De 219 mulheres, a maioria afirmou achar que a categoria "Lésbica" não condiz com a realidade, sendo que 26 respostas dessas continham a palavra "fetiche", 21 respostas continham a palavra "homem", também 21 continham a palavra "falso", 8 continham a palavra "fake", 7 "artificial" e 6 "irreal".
- De 260 mulheres, a divisão de opiniões sobre pornô considerado "Amador" ficou mais equilibrada. Muitas mencionam preferir, por ser mais próximo da realidade e menos artificial, mas a maioria dessas respostas se preocupa com a divulgação e se a

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1foUH5MsSUw0EZhTWE3fhsugF5pJM\\_CuhwDsAN0mhPNA/edit#gid=426891660](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1foUH5MsSUw0EZhTWE3fhsugF5pJM_CuhwDsAN0mhPNA/edit#gid=426891660). Acesso em: 15 de setembro de 2019.

mulher envolvida não foi exposta. Outras dizem que a chance de exposição ainda é muito grande e por isso o sentimento de incômodo permanece.

- De 255 mulheres, 62.7% afirmam ler contos eróticos como outro meio para procura de prazer, 7.8% afirmam escutar audioporn e 3.9% afirmam escrever contos eróticos.

### 3.1.3. ROTEIRO

A partir da pesquisa, o roteiro foi montado a fim de comportar as necessidades do projeto, mas também pensando nas convidadas que comporiam a mesa. Seguindo o modelo estudado por Rezende (2018), foi determinado o tema e os sub temas visando a média de tempo de uma hora, assim como uma vinheta, apresentação do programa e das convidadas, apresentação da pesquisa e distribuição do assunto. Foi também considerada a concessão de uma certa liberdade às convidadas, que poderiam abranger pontos de vista particulares e não necessariamente dados científicos de pesquisa. Assim, o roteiro assumiu a seguinte ordem:

– Vinheta de abertura

– Apresentação do programa e do tema

– Apresentação das convidadas: Fernanda Pavaltchuk (bissexual, psicóloga formada pela UFRJ e pesquisadora de stress de minorias e saúde mental de pessoas LGBT), Maria Clara Stanzone (bissexual, dona de uma sex shop), Natália Pasetti (lésbica, diretora de uma ONG LGBT), Vitória Régia da Silva (bissexual, editora da Capitolina e repórter da Gênero e Número e da Revista Híbrida. Atriz)

– Apresentação breve da pesquisa levantada online sobre pornografia e mulheres L e B, com mais de 400 respostas.

- Mulheres assistem pornô

*Na pesquisa, 63.3% das respostas de mulheres L e B afirmam assistir pornô.*

- Pornografia como primeira experiência da mulher lésbica e bissexual

*O aprendizado da sexualidade através da mídia mais próxima e mais acessível, a desinformação, o aspecto didático e a indústria mainstream como perpetuadora de uma ótica machista e objetificadora.*

- Profissional x Amador

*O pornô mainstream e a manutenção do olhar masculino comparado à liberdade atual de produção de conteúdo próprio. Canais verificados no Pornhub, produção de conteúdo artesanal, mídias alternativas e a divulgação não autorizada.*

- Exploração do erótico

*A relação do que se assiste com o que se reproduz na vida real, a culpa do tesão em cima da erótica, a não-exploração da sexualidade na vida mundana e a curiosidade em tópicos tabu.*

- A influência da pornografia na compra de brinquedos eróticos

*A pornografia como vitrine de produtos, a necessidade falocêntrica do pornô mainstream, a exploração de uma sexualidade saudável com parceiros/as.*

- Outros tipos de pornografia: leitura de contos eróticos, audioporn, escrever contos eróticos e o erótico nos filmes tradicionais.

*A relação do olhar em cima de casais lésbicos em filmes tradicionais, a maneira como isso pode ser utilizado como fonte de prazer, assim como outros meios de comunicação, como a leitura, o áudio e a escrita.*

– Conclusão e qualquer discussão orgânica que vier a surgir

#### **3.1.4. LOCAL**

Para a gravação, o local seria de extrema importância. Segundo Lopes (2015), há um ideal a ser seguido quando se trata de um ambiente de gravação de um podcast: um estúdio isolado profissional de áudio, com microfones condensadores, uma mesa de mixagem e retorno com fones de ouvido. Como não era possível reproduzir essa ambientação para a gravação do projeto, procurei me aproximar disso ao máximo.

Ao pedir ajuda a uma das convidadas, Natália Pasetti reservou uma sala em um prédio de coworking na Glória, Zona Sul do Rio de Janeiro. O NEX Coworking nos cedeu uma sala fechada de seis lugares, que seria adaptada ao máximo para se tornar um ambiente de gravação.

#### **3.1.5. EQUIPAMENTO**

Compondo o elemento mais caro do projeto, o equipamento precisava ser emprestado ou alugado para esse dia, já que comprar os microfones, o gravador e todos os cabos seria inviável. Caroline Petersen foi convidada a integrar a equipe de gravação, mais especificamente como técnica de áudio.

A escolha por Petersen foi estratégica. Seu trabalho em outros projetos já me era familiar, o que garantia a qualidade do produto final e a confiança investida. Além disso, havia uma preocupação com o dia da gravação em si, já que o projeto comportava um assunto, como já discutido, considerado tabu. Ter uma mulher na operação no som significava garantir o conforto de fala das integrantes da mesa de debate, do levantamento de dados e compartilhamento de histórias da maneira mais genuína possível.

Para a gravação em si, Petersen levou à sala do NEX quatro microfones, um gravador e um fone de ouvido para acompanhamento. No momento, usou apenas dois microfones modelo AKG P170, além do gravador e do monitoramento de som durante todo o tempo da gravação.

### **3.2. PRODUÇÃO**

A gravação foi marcada para o dia 26 de setembro de 2019, às 19h, no NEX Coworking. Nesse dia, porém, o Rio de Janeiro foi surpreendido por chuvas muito intensas que alagaram focos da cidade, entre eles a área do Rio Centro, na Barra da Tijuca, onde uma das convidadas do projeto mora. No meio da tarde, por volta de 15h, Maria Clara Stanzione avisou que não poderia ir até a Glória naquele dia, já que ela sequer conseguia sair do próprio prédio.

Decidi que o projeto continuasse no mesmo dia e no mesmo horário, já que era uma data que todas as convidadas poderiam estar presentes. Para a adaptação nova do roteiro, decidi que o tópico "*A influência da pornografia na compra de brinquedos eróticos*" não seria discutido, além de não apresentar Maria Clara no início. Com isso, a gravação seguiu como planejada.

Às 18h, cheguei ao NEX e fui designada à sala 4, no segundo andar. Às 18h:30, Caroline Petersen chegou e juntas montamos os equipamentos de maneira que a mesa quadrada comportasse duas integrantes de cada lado, com Petersen no centro monitorando o que fosse necessário. Às 19h, como combinado, as convidadas chegaram e às 19h:30 iniciamos a gravação.



Não houve qualquer tipo de problema técnico significativo, que interrompesse a gravação. Tudo ocorreu de acordo com o planejado, o material bruto final contendo 73 minutos de duração. A gravação, apesar de ter sido feita com dois microfones, foi inteira gravada na mesma faixa, o que significou que tudo teria que ser editado junto, sem chance de correção de camadas de áudio diferentes.

A gravação terminou às 21h, com Petersen recolhendo seus equipamentos e levando-os de volta para sua casa. Somente no dia 3 de outubro de 2019, ela me enviou os arquivos brutos para edição, que seria feita por mim.

### **3.3. PÓS-PRODUÇÃO**

Para a edição, o software utilizado foi o Premiere Pro e o tempo necessário para a finalização foi de duas horas. A vinheta foi produzida com a introdução da música Pynk, de Janelle Monáe com participação de Grimes, uma composição sobre sexualidade feminina e o poder da vagina<sup>10</sup>.

O arquivo final ficou com duração de uma hora e sete minutos, já que durante a edição tomei a decisão de não retirar as conversas de cunho subjetivo entre as integrantes da mesa, inclusive eu mesma. Quando pensamos em sociedades patriarcais, a mulher é reprimida ao falar sobre sua própria sexualidade, principalmente quando essa sexualidade é dissidente, como já discutido anteriormente. Por isso, por mais que não sejam realidades tomadas como padrão ou absolutas, são subjetividades importantes de serem discutidas, que geram identificação com o público ouvinte e que aproximam as experiências compartilhadas.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.bustle.com/p/janelle-monaes-pynk-video-about-female-sexuality-will-make-you-feel-like-a-goddess-8746306>. Acesso em: 10 de outubro de 2019

#### 4. CONCLUSÃO

Ao final do podcast, Natália Pasetti comenta que a conclusão de toda a conversa ocorrida era que precisávamos fazer isso mais vezes, discutir sexualidade e pornografia mais vezes, tanto por um viés casual quanto por um viés de pesquisa. Por isso, *Senta que nem mocinha* se tornou um projeto que contém uma importância ainda maior do que a inicialmente prevista neste relatório.

Mais do que uma intensa necessidade de abrir conversas sobre sexualidade e maneiras de como explorá-la e aprender mais sobre ela, a gravação do projeto mostrou o quão divertido esse processo pode vir a ser. A sexualidade e a exploração das nossas sexualidades é uma jornada extensa, em que cada pessoa se encontra em um estágio diferente. Por isso também, analisar os dados da pesquisa produzida para a elaboração do roteiro se mostrou uma surpresa de início, mas foi perfeitamente apontado por Victória Régia durante a gravação do projeto como sendo um processo parte do efeito tabu. Mulheres não somente gostam de assistir pornografia, mas também gostam de falar sobre sexo.

Com isso, *Senta que nem mocinha* tomou proporções para além do projeto inicial. Após a gravação de sucesso, o projeto oficial entrou em processo de pré-produção, com discussão de formato e montagem de equipe. A mesa oficial passou a ser composta por mim e por Victória Régia, que convidei para agregar a discussão após reparar no quão desenvolta e interessada ela se tornou durante as gravações. Há a produção de Pê Moreira, que ajudará com escolha de convidadas. Até o momento, há a discussão sobre produzir episódios semanais e negociar parcerias, possivelmente com *sex shops*. Além disso, há planos para um

programa de afiliados em que produziremos nosso próprio audiopornô como conteúdo para assinantes.

Nós fomos criadas com medo do sim em nós mesmas, medo dos nossos desejos mais profundos. Mas, uma vez que os identificamos, aqueles desejos que não favorecem nosso futuro perdem poder e podem ser alterados. O medo dos nossos desejos mais profundos os mantém sob suspeita e indiscriminadamente poderosos, porque suprimir a verdade e dar a ela uma força incontrolável. O medo de não conseguirmos ser mais do que as distorções que temos desenhadas em nós mesmas nos mantém dócil e leal e obediente, externamente limitadas, e nos leva a aceitar várias facetas da nossa própria opressão enquanto mulheres. (LORDE, 1978, tradução minha)

Continuar com o *Senta que nem mocinha* se tornou uma obrigação quando se pensa na sexualidade reprimida que mulheres vivem cotidianamente. Dar prosseguimento ao programa é abrir as portas para o erótico de Lorde, é olhar e reconhecer a força existente dentro de cada mulher, é procurar subverter o estigma e dar um pequeno passo a uma sexualidade mais livre, mais saudável.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS & RÁDIO CBN. **PODPESQUISA 2018**. Disponível em <http://abpod.com.br/wp-content/uploads/2018/10/PodPesquisa2018.pdf>, acesso em 13 de set. de 2019.

CARVALHO, Milena de; LEDA, Larissa. **Mulher no pornô: Uma representação da hetenormatividade**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. *Anais...* São Luís: Universidade do Maranhão, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1421-1.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2019.

CICLITIRA, K. (2004). **Pornography, women and feminism: Between pleasure and politics**. *Sexualities*, 7(3), 281-301.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. **Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres**. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n3/13.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2019.

DEBORD, G., **A Sociedade do Espetáculo**, Tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DONNERSTEIN, E., LINZ, D., & PENROD, S. **The question of pornography: Research findings and policy implications**. New York: Free Press, 1987.

GUERRA, V. M.; ANDRADE F. C. B.; DIAS M. R. **Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos**. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 2, p. 269-277, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000200008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200008&lang=pt)>. Acesso em: 02 out. 2019.

LEITE, Fernanda Capibaribe. **O que é bom para elas: cenários de empoderamento numa pornografia feminista**. *Ciberlegenda*, n. 26, 2012.

LOPES, Léo. **Podcast: Guia Básico**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

LORDE, Audre. **Uses of the Erotic: The Erotic as Power**. *Sister Outsider: Essays and speeches*. New York: Crossing Press, 1984/1978.

MORAES, Eliane Robert. LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural:Brasiliense, 1985.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. **Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=01027972&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=01027972&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 out. 2019.

REZENDE, Lorena Carvalho. **Podcast: como criar um programa que divirta o ouvinte**. Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

SILVA, J. C. C. B. **Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 143-165, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100008>>. Acesso em: 15 out. 2019.

SMITH, Clarissa; ATTWOOD, Feona. **Anti/pro/critical porn studies**, *Porn Studies*, 1:1-2, 7-23, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/23268743.2014.887364>>. Acesso em: 27 de out. de 2019.

VEIGA, M. J. A. **Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia**. 2015. 73f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rocco, 1992.